



Nota de Abertura ROSA NEVES SIMAS



Afinal, o que é a Luta pela Igualdade?

No passado dia 8, na série da RTP “Mulheres que Contam” Manuela Grazina, Professora de Medicina da Universidade do Porto, falou sobre o impacto dos neurotransmissores e das emoções no funcionamento do cérebro. Focando as diferenças na actividade cerebral, frisou que não acredita na igualdade, já que somos todos diferentes.

Face ao percurso desta cientista de renome, confesso que fiquei surpreendida, dado que a luta pela igualdade NÃO pretende, de forma alguma, que fiquemos todos iguais uns aos outros, mas que sejamos tratados de forma igualitária. É uma luta, SIM, pela Igualdade de Direitos e Oportunidades, de Tratamento de Igual para Igual.

Na Constituição Portuguesa de 1976, o Artigo 13º Princípio da Igualdade, estabelece duas normas: “1) Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei, e 2) Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, terra de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual.”

Isto é, igual deve ser a forma como vemos e tratamos a outra pessoa. Falando da “igualdade ontológica” no Expresso, Pedro Mexia foca a condição humana, que nos faz “iguais, independentemente das características pessoais e dos méritos e deméritos” de cada pessoa.

Andamos obcecados com identidade, individualismo, e esquecemos a condição humana que nos faz, quer queiramos, quer não, IGUAIS. ♦

As Desigualdades de Género no Teletrabalho: Estudo de Caso

Estudo sobre impacto do teletrabalho nas questões de género mostra reforço de papéis tradicionais, e prejuízo para as mulheres



Foto da Equipa do Estudo

A pandemia causada pela COVID-19 provocou um aumento do teletrabalho a partir de casa, modalidade que satisfaz, atualmente, a maioria das pessoas com empregos passíveis de realizar remotamente.

Um estudo financiado pelo Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu EEA Grants, promovido pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP) e que teve como operadora a Comissão para a Cidadania e

Igualdade de Género (CIG), mostra que o teletrabalho veio para ficar, mas com desigualdades de género.

Através de um inquérito realizado de março a julho de 2023 a 341 participantes que trabalham a partir de casa e em coabitação, aliado a um estudo de caso realizado numa empresa nacional com teletrabalho instituído, entre julho e setembro de 2023 e contemplando entrevistas semiestruturadas a 11 dirigentes da instituição, foi possível constatar que “em teletrabalho, as mulheres passam

o mesmo número de horas do que os homens em trabalho remunerado, mas dedicam mais tempo a atividades domésticas e de cuidado. Assim, para as mulheres, os benefícios do teletrabalho parecem estar nos ganhos para a conciliação entre o trabalho e a família, enquanto os homens parecem retirar benefícios individuais (como é o caso do lazer), o que se traduz num reforço de papéis tradicionais de género, com prejuízos para o bem-estar das mulheres.”

Estas são algumas das con-

DIREITOS RESERVADOS

Livro Branco
Recomendações
para a Promoção
da Igualdade de
Género na Conciliação
de Teletrabalho
e Coabitação em
Portugal

Iceland
Liechtenstein
Norway grants

Maio 2024

Janela para o Futuro

Há Muito Trabalho a Fazer...

Nós Humanos estamos melhores que há uma década? Sim, estamos, e esperamos que a vida vá melhorando dia a dia. Mas, ultimamente, a ideia de um passo à frente, e dois passos para trás, tem acontecido devido a mudanças de governos pelo mundo fora. Até ao dia em que todos se sintam livres e tenham os mesmos direitos que seus vizinhos, há muito trabalho a fazer.

Nas últimas décadas, muitas pessoas



TERRY COSTA

têm lutado para que todos os Seres Humanos se sintam melhor, consigam seguir seus sonhos e paixões, e trabalhar lado a lado. São verdadeiras conquistas. Mas mudar as leis tem sido quase como uma viagem num barco sem combustível! E depois? Não basta es-

crever decretos, passar leis, mudar o contrato legal. É fundamental mudar mentalidades e a formação da mente de uma geração leva tempo, por vezes muito, por isso há muito trabalho a fazer.

Ainda há muita gente entre nós que se lembra de as mulheres não serem consideradas “ao nível dos homens” e, por isso, eram-lhes negados muitos direitos humanos. E as pessoas asiáticas, e as africanas... Nas últimas décadas, a conversa tem sido mais acesa com as orientações sexuais.

Se os Humanos que não são mulheres, não são brancas, não são heterossexuais, não são... fossem mesmo iguais nas Leis da Humanidade, já nem era preciso falar nisto!

Estamos melhor que ontem, sim, mas há muito trabalho a fazer... ♦